

Artigo

A função da mancha no caso Hans: da falta à presença do objeto

Francisco Rafael Barbosa Caselli; Marcus André Vieira

Resumo. O artigo desenvolve a hipótese de que o trabalho de releitura do caso Hans, realizado por Lacan no *Seminário 4, A relação de objeto* (1956-1957), antecipa a formulação do conceito de objeto *a* em seu ensino. Dois pontos cruciais em relação ao objeto são destacados em um trabalho de leitura próxima e atenta ao texto do *Seminário*. Nesse percurso, a introdução da *falta de objeto*, modulada pelas operações de privação, frustração e castração, se contrapõe à noção de uma certa presença do objeto. O artigo propõe que em sua teorização sobre a angústia do pequeno Hans, Lacan introduz a função da mancha operando como objeto *a*, situando-a como um resíduo impossível de ser simbolizado, a coisa preta na boca do cavalo, objeto da fobia de Hans.

Palavras chave: falta de objeto; o caso Hans; angústia; mancha; objeto *a*.

La función de la mancha en el Juanito: de la falta a la presencia del objeto

Resumen. El artículo desarrolla la hipótesis de que la relectura del caso Juanito realizada por Lacan en el *Seminario 4, La relación de objeto* (1956-1957) presenta una primera versión del concepto de objeto *a* en su enseñanza. Del trabajo de lectura cercana del texto del Seminario se destacan dos puntos cruciales con relación al objeto. En este recorrido, la introducción de la *falta de objeto*, modulada por las operaciones de privación, frustración y castración, admite la noción paradójica de una cierta presencia del objeto. El artículo propone que, a partir del desarrollo de su teorización sobre la angustia del Juanito, Lacan introduce la función de la mancha operando como objeto *a*, ubicándola como un residuo imposible de simbolizar, la cosa negra en la boca del caballo, objeto de la fobia de Juanito.

Palabras clave: falta de objeto; caso Juanito; angustia; mancha; objeto *a*.

The function of the stain in *little Hans*: from lack to presence of the object

Abstract. The article develops the hypothesis that the re-reading of *little Hans*, carried out by Lacan in *Seminar 4, The Object Relation* (1956-1957), presents a primary version of the *objet petit a* in his teaching. In this course, two crucial points concerning the object are emphasized in a close reading of the Seminar's text. The introduction of the notion of *lack of object*, modulated by the operations of deprivation, frustration and castration, is then

* Psicólogo. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: rafaelcaselli@gmail.com

** Psicanalista. Doutor pela Université Paris VIII (França). Professor doutor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: mav@litura.com.br

opposed to the notion of a certain presence of the object. The article proposes that with the development of a theorization on little Hans' anxiety, Lacan introduces the function of the stain working as an *object a*, a residue impossible to be symbolized, located in the black spot in the horse's mouth, object of Hans' phobia.

Keywords: lack of object; little Hans; anxiety; stain; objet petit (*a*).

La fonction de la tache dans le petit Hans: du manque à la présence de l'objet

Résumé. L'article développe l'hypothèse qui la relecture du cas *le petit Hans* effectuée par Lacan dans le *Séminaire 4, La relation d'objet* (1956-1957) anticipe la formulation du concept d'objet (*a*) dans son enseignement. Deux points cruciaux par rapport à l'objet sont mis en évidence dans un travail de lecture attentive du texte du Séminaire. Dans ce parcours, l'introduction de la notion de *manque d'objet*, modulée par les opérations de privation, frustration et castration, s'oppose à la notion d'une certaine présence de l'objet. L'article soutient que depuis sa théorisation sur l'angoisse du petit Hans, Lacan introduit la fonction de la tache comme un résidu impossible à symboliser, la *chose noire* dans la bouche du cheval, objet de la phobie de Hans. Et comme tel, la *tache noire* opère la fonction d'(*a*).

Mots-clés: manque d'objet; le petit Hans; angoisse; tache; objet (*a*).

Sabemos que as teorizações desenvolvidas por Lacan no *Seminário 4, A relação de objeto* (1956-1957), dão lugar a uma série de propostas fundamentais em seu ensino. Entre elas, destacam-se sua concepção basilar sobre a falta de objeto, as teorizações sobre a função paterna, o falo e a função do mito na neurose. Além dessas, gostaríamos de acrescentar¹ que, nas lições dedicadas à releitura do caso Hans, Lacan introduz a função da mancha em uma formulação que antecipa o conceito de objeto *a* em seu ensino. A propósito do enigma sobre a “coisa preta” na boca do cavalo de Hans (Freud, 1909/2015, p. 166; p. 174; p. 179), Lacan estabelece uma retificação sobre o sentido e a função dessa aparição enigmática, diferenciando-a da interpretação fornecida por Freud sobre esse elemento clínico.

É importante notar, de saída, que foi somente a partir do quarto ano de trabalho em seu *Seminário*, que Lacan trouxe o conceito de objeto ao centro de suas considerações. Em meio à prevalência da teoria da *relação de objeto* no campo psicanalítico, à época, Lacan propôs, como contraponto, um ordenamento conceitual para a função do objeto na psicanálise que fosse pertinente com a sua leitura estrutural sobre o inconsciente e o sujeito, em sua relação com a linguagem. Seu trabalho, nesse sentido, parte de uma interrogação sobre como conceber o objeto para a psicanálise, uma vez instituída a ordem simbólica, a função da fala e o campo da linguagem para o sujeito.

A falta de objeto: um efeito de estrutura

A questão que se impõe, a partir dessas asserções, consiste em interrogar se a introdução da ordem simbólica teria como corolário a instauração de uma *relação de objeto* para o sujeito. E a resposta, segundo Lacan, é a de que *não*. Na medida em que o mundo humano, para Lacan, é inteiramente estruturado pela linguagem, o objeto, por sua vez, está perdido (1954-1955/1987, p. 174). Dito de outro modo, não há acesso ao mundo dos objetos fora de qualquer relação com a linguagem e o campo dos significantes. Nesse sentido, o objeto está perdido de todo elo

¹ O presente artigo resulta de um capítulo da tese de doutorado defendida pelo primeiro autor deste artigo no programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio, sob orientação do Prof. Dr. Marcus André Vieira (PUC-Rio), e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior – Brasil (CAPES).

natural para os seres de linguagem, ou ainda, perdido de qualquer relação de sujeição a uma dita realidade *objetiva* ou *material* que possa ser concebida como anterior ou independente da linguagem para o sujeito. Lacan faz dessa perda um ato fundador no trabalho de subjetivação, crucial para estruturar a relação simbólica do sujeito com mundo.

A asserção da perda como fundante para a constituição do objeto, assinalada por Lacan desde o *Seminário 2*, se atualiza no *Seminário 4* a partir de uma crítica à noção de *relação de objeto*. Em sua crítica, Lacan contesta a hipótese de que haveria um objeto adequado ou harmonioso ao desejo humano, ao passo em que recusa a noção de uma relação com o objeto que se pretenda idealizada pela ordem fálica, alcançada pelo desenvolvimento evolutivo da libido, e graças à qual poderíamos distinguir objetos mais ou menos “ajustados” ao desejo humano: os pré-genitais de um lado, e o objeto genital por outro. Segundo Lacan, não há nada na estruturação simbólica do universo humano que prefixe um objeto ao seu desejo ou à sua satisfação, assim como não há objeto que não seja marcado pela relação com o significante. E isso, por sua vez, invalida qualquer relação natural ou desenvolvimentista do ponto de vista libidinal em relação aos objetos.

A partir disso, Lacan preconiza que a perda fundamental do objeto, produzida pela entrada da linguagem no mundo humano, estabelece, para o sujeito, uma relação com diferentes modalizações da falta do objeto. Essas modalidades da falta são concebidas por Lacan por meio de três operações fundamentais: privação, frustração e castração – nesta ordem lógica. Desse modo, não há, segundo Lacan, relação *de objeto*, mas, antes disso, diferentes operações, baseadas no funcionamento da ordem simbólica, que definem o objeto como faltoso para o *fallasser*. O objeto, portanto, no primeiro tempo desse efeito estrutural de constituição do sujeito no mundo da linguagem, não é pensado como presença, mas como falta.

Nesta perspectiva, Lacan enfatiza que “Jamais, em nossa experiência concreta da teoria analítica, podemos prescindir de uma noção da falta do objeto como central. Não é um negativo, mas a própria mola da relação do sujeito com o mundo” (1956-1957/1995, p. 35). Se lermos com atenção a sua indicação, Lacan afirma, de maneira categórica, que a mola da relação do sujeito com o mundo é a falta de objeto. Sem a falta de objeto, não há movimento possível. É necessário, portanto, instaurar a falta, isto é, fazer o objeto faltar.

Por consequência lógica do fato estrutural de que o objeto é *perdido* – logo, no avesso da própria noção de uma experiência primeira de satisfação –, e uma vez que os objetos do mundo humano são constituídos no plano simbólico, colocados em posição de relação para o sujeito por meio do significante, o objeto, quando reencontrado (Freud) ou reconstituído (Lacan), será sempre desarmônico. Isto faz com que, não importa o nome ou a força de sua imagem, a sina do objeto será sempre a de faltar, ao desejo ou à satisfação plena. O objeto, em uma perspectiva estrutural, isto é, de linguagem, é invariavelmente equivocado, essencialmente inadequado.

Modalidades da falta: privação, frustração e castração

Mas, como um objeto pode faltar na realidade dita *objetiva*? Lacan propõe a questão e utiliza como exemplo o apólogo sobre o livro que falta em sua seção na biblioteca (1956-1957/1995, p. 38). É de praxe que, em toda biblioteca, seja colocado um aviso solicitando aos seus frequentadores que, uma vez terminada a leitura, *por favor não tentem devolver o livro à prateleira*. Isto ocorre porque a devolução do livro não pode ser feita de maneira imaginária, ou “real”, no sentido do mundo concreto. A devolução do livro precisa ser feita na coordenada

simbólica de sua numeração. Um livro de biblioteca só pode ser devolvido ao lugar da inscrição simbólica que demarca sua falta, a qual pode ser calculada em relação à posição em série dos demais livros na prateleira. A partir disso, Lacan assinala que “A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica” (1956-1957/1995, p. 38). Logo, para que haja falta, há coordenadas simbólicas que indicam onde “o livro” não está, ou seja, onde o objeto é faltante. Portanto, o objeto não falta ao real do “mundo concreto”, mas falta ao real que é inteiramente coordenado pelo enlaçamento entre o simbólico e o imaginário. O que vai definir a possibilidade deste objeto faltar, portanto, é uma operação de linguagem.

Lacan estabelece, a partir disso, três níveis essenciais da *falta estrutural* do objeto. Organizando essas operações de acordo com o texto de Lacan, podemos estabelecer uma relação entre os níveis da falta do objeto com cada um dos três registros – imaginário, simbólico e real. Em sua proposta, Lacan situa que a privação se estabelece em um nível *real* da falta do objeto, ao passo que a frustração opera em um nível *imaginário* e a castração em um nível *simbólico*. Este seria o ordenamento *lógico* das dimensões da falta do objeto, uma vez que o sujeito é constituído como efeito do significante. Logo, em um primeiro nível, advém a *privação* – perdemos algo na entrada, para sempre –, depois a *frustração* – diferentes imagens do objeto podem ser oferecidas ou recusadas como substitutos imaginários para a falta derradeira da privação – e, por fim, a *castração*, que consiste em poder registrar a falta do objeto na cadeia simbólica. Como assinala Lacan, sublinhando o desdobramento desta lógica:

Na castração, há uma falta fundamental que se situa, como dívida, na cadeia simbólica. Na frustração, a falta só se compreende no plano imaginário, como dano imaginário. Na privação, a falta está pura e simplesmente no real, limite ou hiância real. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 54)

Articulados desse modo, Lacan organiza os diferentes níveis da falta como: *hiância real* (privação), *dano imaginário* (frustração) e *dívida simbólica* (castração). Neste sentido, a falta do objeto na frustração, cuja operação é experimentada no nível imaginário como um dano, corresponde à imagem constituída de um objeto da realidade. Para Lacan, há algo que, de fato, falta à criança na experiência frustração: o seio da mãe. Em contraponto à imagem deste objeto real, segundo Lacan, o objeto da privação corresponde a um objeto simbólico, a ser calculado simbolicamente como faltante, tal como o livro que falta na prateleira. Por fim, Lacan destaca o objeto da castração, definindo-o, neste ponto de seu ensino, como um objeto imaginário: o falo. Propomos, a partir disso, uma indicação simplificada do entrecruzamento desses níveis da falta do objeto e as operações de sua modalização.

- Privação (Hiância/Furo): Falta *real* de um objeto simbólico (*livro*).
- Frustração (Dano): Falta *imaginária* de um objeto real (*seio*).
- Castração (Dívida): Inscrição *simbólica* da falta do objeto imaginário (*falo*).

O livro, o seio e o falo encarnam, de maneira lógica, as diferentes dimensões da falta de objeto, localizadas por Lacan nos três registros e instauradas, cada qual, por uma operação correspondente. Em outro aspecto, ao comentar a diferença entre privação e frustração, Lacan enfatiza que essas operações não são experimentadas da mesma forma no psiquismo (1956-1957/1995, p. 36). Portanto, cada operação – privação, frustração e castração – corresponde a diferentes maneiras instituir e experimentar psiquicamente a falta do objeto para o sujeito em relação ao Outro. E ainda, para que cada uma dessas operações possa ser estruturada, é

necessário um agente estrutural para instituir a falta nos níveis da privação, da frustração e da castração.

A questão do *agente*, imprescindível em sua teoria dos discursos, se apresenta aqui nos termos dos agentes imaginário/frustração, simbólico/castração e real/privação da falta de objeto. É importante lembrar, ainda, que esses modos de acesso à falta de objeto não correspondem a operações cronológicas ou evolutivas, mas se estabelecem em uma relação estrutural, portanto, lógica. Desse modo, para que essas operações se estruturam é necessário um agente em posição de causa – para a privação, assim como para a frustração e a castração. É nesse sentido que Lacan constrói, ao longo do *Seminário 4*, um quadro das relações entre a modalidade da falta e seus agenciamentos (1956-1957/1995, p. 220). Nele, se destacam os níveis de entrecruzamento entre as operações da falta, os agentes da falta e os modos de acesso à falta de objeto.

AGENTE	FALTA DE OBJETO	OBJETO
Pai real	Castração	Imaginário
Mãe simbólica	Frustração	Real
Pai imaginário	Privação	Simbólico

Figura 1. Quadro das relações entre os níveis da falta de objeto e seus operadores.

O peixe que falta no real, no simbólico e no imaginário

Nesses três níveis da falta, Lacan distingue, inicialmente, a “pura privação”, que faz com que o sujeito não possa ser plenamente satisfeito em qualquer uma de suas necessidades, devido ao furo real que essa operação instaura, fazendo do objeto algo para sempre faltoso. No dizer de Lacan, “a privação é a privação do peixe” (1956-1957/1995, p. 223). Ou seja, não há peixe que satisfaça ou resolva o desejo, e é neste ponto que a relação com a falta se instaura. Em seguida, a frustração se apresenta como a falta *deliberada* do objeto, uma falta construída na dialética da demanda do Outro, e que será instituída de maneira simbólica pela “mãe”, como o agente que fará o objeto aparecer e desaparecer, pois será oferecido ou retirado a depender do que se passa na relação com a criança. A mãe, nomeada por Lacan em uma dimensão simbólica, se apresenta, em um primeiro tempo de constituição do sujeito, como aquela que teria o objeto para satisfazer a criança. *Tenho o peixe*, diria a mãe como agente simbólico, e *te dou porque te amo* ou *não te dou porque não te amo mais*. Dessa maneira se instaura, segundo Lacan, toda dialética do jogo do dom e da falta imaginária do objeto, a qual será experienciada como *dano*, como aquilo que o Outro *tinha, mas não me deu*. Neste sentido, o objeto da frustração carrega sempre a marca do dom ou do dano, oferecido ou negado pelo Outro simbólico.

A castração, por sua vez, assinala Lacan, é agenciada pelo pai real. E isto não se refere, necessariamente, ao papai biológico de uma criança – assim como a mãe simbólica não se refere à mamãe de uma criança – mas a todo e qualquer elemento simbólico que possa intervir como operador desta função castradora. A partir disso, Lacan assinala que a castração consiste na subjetivação daquilo que a privação introduz como hiância no real. Seria equivalente, portanto, ao ato de inscrever psiquicamente a falta estrutural do objeto.

Para utilizar a metáfora fornecida por Lacan, a castração equivale à operação simbólica que vem demarcar para o sujeito que *não há peixe, e não adianta se queixar, você terá que se virar com essa falta*. E, aqui, cabe retomar a expressão popular: *não adianta dar o peixe, é preciso ensinar a pescar*. Sair para pescar, nesse sentido, implica a inscrição subjetiva de que o Outro não vai dar o peixe (frustração), ou ainda, que ele não o tem (privação). E que mesmo lá, no mar da vida, vai ser preciso se virar para pescar algum peixe com o barco que você recebeu (castração); há dias em que o peixe vai faltar, e a pesca nunca será totalmente bem-sucedida. O peixe-objeto, na castração, está sempre faltando, mas de um lugar operador, em que a falta registrada simbolicamente produz movimento, produz ação; é preciso buscar o peixe da vida, e ainda que não seja possível pescar todos os peixes, este ainda é o mais estável dos mundos, construído pela operação simbólica da castração.

A evanescência do objeto entre a demanda e o desejo

Há um segundo ponto a ser demarcado nessa relação do sujeito com a falta do objeto. A saber, há uma diferenciação entre a relação com a falta no nível da demanda e a relação com a falta no nível do desejo. Não se trata da mesma coisa, mas ambas partem de um princípio em comum: é por instituir o real da falta no registro simbólico que o objeto poderá ser demandado, em suas formas imaginárias, ao Outro. A função da demanda, nessa perspectiva, é constituída no nível do simbólico e do imaginário, uma vez que a demanda pode ser significantizável, isto é, colocada em palavras – *me dê isto, me dê aquilo* –, ao passo em que a demanda implica um objeto imaginário – *é o seio o que me falta, é o smartphone topo de linha que me falta, é morar fora do país*.

Na relação com o Outro simbólico de que nos fala Lacan, isto é, a mãe/agente da frustração, há um entrecruzamento de demandas que presentifica a falta de objeto dos dois “lados”, tanto do lado do sujeito quanto do lado do Outro. Nesse encontro faltoso, os significantes da demanda vão se apresentar do lado do sujeito em sua manobra para fazer de si um objeto amado e acolhido pelo outro. Do lado da mãe, os significantes de sua demanda são dirigidos ao sujeito em posição de um objeto ideal – *coma tudo, não suje a roupa, lave bem as mãos, se comporte*, entre outros. Neste nível da demanda, por mais significantes que possam existir para simbolizar o objeto faltoso, há sempre algo da ordem de um resto que não poderá ser assimilado pelos significantes da demanda, tanto do lado do sujeito, em sua demanda ao Outro do objeto que lhe falta, quanto do lado do Outro em sua demanda ao sujeito de corresponder ao objeto imaginário ou idealizado de sua falta.

Em relação a essa dialética que presentifica a falta do objeto no nível da demanda e, portanto, da frustração, Lacan assinala que

O dom, se trazido como tal, faz em todos os casos evanescer-se o objeto como objeto. Se a demanda é atendida, o objeto passa a segundo plano. Se a demanda não é atendida, o objeto se evanesce igualmente. Só que existe uma diferença. Se a demanda não é atendida, o objeto muda de significação. O que justifica, com efeito, a palavra frustração? Só há frustração – a palavra implica isso – se o sujeito entra na reivindicação, na medida em que o objeto é considerado como exigível por direito. O objeto entra, nesse momento, no que se poderia chamar de área narcísica das pertinências do sujeito. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 101)

Podemos notar nessa indicação uma condição de evanescência do objeto, tal como destacada por Lacan, que se realiza na presentificação ou retirada do objeto como um dom do Outro

oferecido ao sujeito. O dom, nesse sentido, corresponde a um ato benevolente do Outro em relação ao sujeito – *Tenho o objeto da sua demanda: te darei ou não*. Há aqui um jogo duplo com o sentido de presentificação que podemos estabelecer neste nível. O de *tornar presente* o que estava ausente, e o de uma *doação*; o objeto oferecido como um presente, signo do amor e da potência do Outro em atender à falta do sujeito. Nossos objetos, ensina Lacan, vêm do Outro. Nessa relação duplamente faltosa no nível da demanda, o que está em jogo é a função do dom, que opera sobre os objetos em uma cadência dialética de presença e ausência.

Em um sentido mais amplo, essa operação dialética, entre os significantes da demanda e a falta de objeto, será fundamental para estabelecer uma “ordem simbolizada do real, onde o sujeito poderá, por exemplo, instaurar como existentes e admitidas certas privações permanentes” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 102). Este é um ponto crucial para Lacan, pois a “admissão” simbólica de certas privações permanentes demonstra em que medida a falta só pode ter efeito quando inscrita para o sujeito no campo simbólico. Tudo depende de se, no campo do Outro, esta privação radical puder ser nomeada – ou não! –, como falta, isto é, como uma privação permanente, uma hiância derradeira, e não como uma privação passageira, por exemplo.

Aliada à dialética da frustração, que confere seu caráter de evanescência ao objeto, a função do desejo é instaurada de maneira avessa ao que prega a intuição do *self-made man*. De acordo com Lacan,

O erro é querer deduzir tudo do desejo, considerado como um elemento puro do indivíduo – do desejo, com o que este acarreta de contragolpes, satisfações e decepções. Ora, [...] nada se instaura como conflito propriamente analisável senão a partir do momento em que o sujeito entra numa ordem que é ordem de símbolos, ordem legal, ordem simbólica, cadeia simbólica, ordem da dívida simbólica. É unicamente a partir da entrada do sujeito numa ordem que preexiste a tudo o que lhe ocorre, acontecimentos, satisfações, decepções, que tudo a partir de que ele aborda sua experiência – a saber, aquilo a que chama o seu vivido, essa coisa confusa que está ali antes – se ordena, se articula, assume seu sentido e pode ser analisado. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 102)

Eis o ponto capital da função da estrutura na constituição do desejo para o sujeito. A posição de Lacan, neste sentido, é radical ao apontar que só há desejo a partir do Outro. E, ainda, só pode haver desejo se houver falta, isto é, na condição de que a falta possa ser *admitida simbolicamente*. É isto o que possibilita inscrever uma certa retificação de percurso da psicanálise no que se refere ao tema do desejo, e no qual destacamos dois aspectos. Por um lado, a indicação de que só há desejo se este é estabelecido desde uma ordem simbólica anterior, em que o “vivido” do sujeito já está capturado e articulado desde o campo dos significantes do Outro, que irá constituir o sujeito como o efeito de sua articulação. Por outro, o reconhecimento de uma falta estrutural – ou uma privação permanente – abre a possibilidade para os deslocamentos imaginários do objeto na dialética da frustração.

De modo sequencial, a dialética instaurada entre o sujeito e o Outro será permeada, de maneira mais ou menos consistente, pela falta – *imaginária, simbólica e real* – de objeto, e pelos significantes da demanda que irão ordená-la simbolicamente. Ao fim e ao cabo, todos esses giros entre a demanda e a falta vão cavar o lugar do objeto do desejo como este que metonimicamente não cessa de faltar à série simbólica dos objetos imaginários dos significantes da demanda, assim como não cessa de faltar à todas as presentificações do objeto na função do dom do Outro. Nesse sentido, há sempre um encontro faltoso do sujeito com o objeto, isto é, com “uma dimensão da falta deixada pela ausência de um objeto totalizante” (Werneck & Jorge, 2022, p. 740).

A posição objetal da criança: metáfora ou metonímia?

A partir do estabelecimento dessas balizas fundamentais sobre a falta de objeto, Lacan realiza uma incursão sobre o caso *O pequenos Hans* (1909/2015), promovendo uma leitura inovadora deste, que entrou para a história do movimento psicanalítico como o primeiro caso de um tratamento psicanalítico dispensado a uma criança (Gutfreind, 2008). O caso Hans, publicado por Freud sob o título *Análise da fobia de uma criança de cinco anos* (1909/2015), retrata o percurso do surgimento e a cura dos sintomas de uma criança acometida por uma fobia de cavalos, cujo tratamento é conduzido pelo próprio pai de Hans, sob as orientações de Freud. Neste *setting* clínico extremamente original, o pai de Hans mantém um diálogo com Freud por meio de cartas e relatórios constantes. No decurso do caso, coube a Freud, ainda que à distância, ocupar o lugar de um sujeito suposto saber para Hans na figura do “Professor”, na mesma medida em que conduz um trabalho de supervisão do caso, estabelecendo junto ao pai de Hans “as linhas gerais do tratamento” (Freud, 1909/2015, p. 124). Vale lembrar que o pequeno Hans encontrou “o Professor” Freud apenas uma vez durante o processo de seu breve tratamento.

De certa forma, o trabalho de releitura do caso Hans promovido por Lacan em seu seminário *A relação de objeto* (1956-1957) constitui o epicentro da aplicação da clínica do significante sobre a direção de um tratamento. Sobre este aspecto, Lacan toma o leitor pela mão e, cuidadosamente, busca situar o jogo de oposições da rede simbólica que articula cada elemento clínico apresentado no caso. Desse modo, Lacan suscita uma série de questionamentos sobre o caso, refazendo o circuito significante e o circuito das fantasias que estabelecem para a criança os sentidos acerca do que é a pequena girafa do desenho de Hans, o que é a grande girafa, o que é o cavalo, o que é o cocô, o que é a cegonha, qual a função da banheira, entre outros. Lacan demonstra, passo a passo, que o valor simbólico e o sentido de cada um desses elementos só podem ser inferidos e decifrados a partir de sua referência aos demais significantes da cadeia simbólica, que constituem esse discurso articulado que se chama o caso Hans (Lacan, 1956-1967/1995, pp. 282-283). Em sua releitura do caso de Freud, Lacan privilegia uma análise da estruturação significante do sintoma infantil, assim como da função do cavalo na fobia, o qual será lido neste ponto de seu ensino como um elemento que oscila entre a função de objeto e de significante.

Em uma outra vertente, igualmente crucial à releitura do caso, o tema da falta de objeto é enfatizado nas considerações de Lacan. Afinal, o que falta ao pequeno Hans? Ou, ainda, que tipo de *objeto* Hans constitui, como uma criança, para a sua mãe? Estas são algumas das perguntas que, do lado do objeto, permeiam a leitura de Lacan sobre o caso. A discussão sobre a presença ou ausência do objeto ganha destaque a cada vez que Lacan se aproxima do tema da angústia de Hans, e é sobre este ponto que iremos focar de agora em diante.

Lacan ressalta, inicialmente, que a educação familiar de Hans não era repressiva, e que, a propósito da falta de objeto, Hans não era uma criança *frustrada*, isto é, não se tratava de uma criança a quem o objeto fora excessivamente negado. Pelo contrário, a indicação de Lacan sobre este ponto busca assinalar que a presença da mãe, como objeto para Hans, estava sempre disponível. A posição da mãe, que trocava de calças na frente de Hans e o levava para o banheiro enquanto essa realizava suas funções excrementícias, vai demarcando para Hans uma espécie de posição objetal de um apêndice materno, como um substituto imaginário do falo que faltava à sua mamãe. Seguindo por essa via, Lacan assinala que é necessário estabelecer, do ponto de vista analítico, o que a criança é para a mãe: uma metáfora ou uma metonímia? E destaca que “não é, em absoluto, a mesma coisa o fato de a criança ser, por exemplo, a metáfora de seu

amor pelo pai ou a metonímia de seu desejo do falo, que ela não tem e não terá jamais” (Lacan, 1956-1967/1995, p. 248). Desse modo, Lacan indica que a posição de Hans em relação à mãe o situa como “um apêndice indispensável” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 249), que ela carrega para todo lugar.

Nesse sentido, o que podemos apreender com Lacan, é que o sofrimento de Hans não se relaciona com a falta de objeto ou com a noção imaginária de uma criança frustrada/reprimida pelos pais quanto às suas pesquisas sexuais ou às masturbações infantis, algo que o texto de Freud por vezes parece indicar em sua ênfase à ameaça de castração. Em um sentido distinto, o que Lacan procura estabelecer como elemento orientador para a leitura do caso, do ponto de vista do plano objetual, consiste em apontar que há um excesso do lado do objeto (materno) em relação à criança, e não um excesso do lado das ameaças paternas que conduziriam à angústia de castração. Essa distinção conduz Lacan a uma interrogação sobre como seria possível a Hans se deslocar, ou melhor, se *descolar* desta posição de encarnar o objeto metonímico do desejo da mãe em relação ao falo imaginário.

Em uma certa medida, podemos inferir que a questão que Lacan vem situando desde o *Seminário 4* consiste em localizar uma certa crise do masculino e do patriarcado, marcada pelos deslocamentos da mulher em relação ao falo no exercício da maternidade e no campo da cultura. Há uma interrogação, a ser recuperada no texto de Lacan, sobre o desejo materno e a função fálica a partir da falta de objeto – fálico – no caso Hans. É isso o que parece escapar à leitura do caso por Freud, podemos entender com Lacan. Escapa-lhe a noção de que o falo não é masculino, nem feminino, e que o pai de Hans em nenhum momento parece ser investido como o detentor simbólico do falo imaginário.

Desse modo, o que está em causa no sintoma da fobia de Hans não é da ordem da imagem do pai devorando a cabeça do filho, como sugere a pintura de Goya que ilustra a capa oficial do *Seminário 4*. O drama de Hans, segundo Lacan, está ligado ao “cavalo” materno, carregado, grávido de outra(s) criança(s), com atesta o nascimento de sua irmã Hanna. Tombando e rangendo os dentes, como ilustram certas características que despertam o pavor de Hans, o cavalo do desejo materno parece disposto a abocanhar simbolicamente o pequeno Hans. Como bem assinala Lacan, “é sempre de um cavalo que morde que se trata. O tema da devoração é sempre encontrável, por qualquer lado, na estrutura da fobia.” (1956-1957/1995, p. 233). E, ainda, no complemento faltoso da constituição desse sintoma, Lacan assinala que: “Infelizmente o pai nunca está ali para fazer o papel do deus Trovão” (1956-1957/1995, p. 269). A partir disso, ao longo de sua leitura do caso e da condução de sua cura, Lacan conclui que “pode-se, portanto, dizer que toda essa espécie de progresso que é a análise da fobia, representa de certo modo o declínio da mãe com relação à criança, o domínio que esta vai progressivamente adquirindo sobre ela.” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 418).

A criança, o falo e o desejo materno

Nessa dialética em que a presença do desejo materno parece se sobrepor à sua possibilidade de falta, a entrada em cena do pênis real de Hans no jogo dialético de *ter* ou *ser* o objeto para o Outro constitui um elemento decisivo para a formação do seu sintoma. De certo modo, frente à presença do desejo fálico da mãe, Hans se dá conta de que tudo o que ele tem a oferecer é apenas um pequeno *pipi*. E isso, de acordo com Lacan, passa a constituir uma fonte de angústia infantil, condensada na função do cavalo da fobia. Os questionamentos de Hans, em suas pesquisas sexuais a respeito do faz-pipi, – *Todo mundo tem um? As meninas têm? A mamãe*

tem? –, encontram um ponto de crise, de angústia para a criança, a partir da entrada em cena de seu próprio órgão sexual como elemento nessa equação. Nesse sentido, Lacan assinala que

[...] a diferença começa, seriamente, a aparecer no momento em que entra em jogo o *Wiwimacher* real, e que este se torna para Hans um objeto de satisfação. Neste momento começa a se produzir aquilo a que se chama angústia, ligada ao seguinte: que ele pode avaliar toda a diferença que existe entre aquilo pelo qual ele é amado e o que ele pode dar. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 249).

Neste ponto, é importante acompanharmos com proximidade a montagem da cena na qual Hans se encontra capturado imaginariamente pelo desejo materno. Da posição original da criança, em relação à sua mãe, Lacan destaca que

Ela [*a criança*] está ali para ser objeto de prazer. Portanto, está numa relação onde é fundamentalmente imaginada, e num estado puramente passivo. [...] O que a criança pode fazer de melhor nessa situação em que está aprisionada na captura imaginária, nessa armadilha onde ela se introduz para ser o objeto de sua mãe, é passar além e se dar conta, pouco a pouco, se assim podemos dizer, daquilo que ela realmente é. Ela é imaginada, portanto, [...] (Lacan, 1956-1957/1995, p. 250)

A saída para o impasse objetal de Hans, segundo Lacan, passaria por conseguir estabelecer uma diferença entre *ser imaginado* como o objeto da mãe ou *ser propriamente* o seu objeto. Essa sutil distinção lhe permitiria escapar da angústia ligada à suposição imaginária de que ele, de fato, é o objeto do desejo da mãe, e não apenas constitui uma das imagens desse objeto. A possibilidade de ser suposto como apenas uma imagem do objeto, pertencente a uma série simbólica, seria o suficiente para que Hans não precisasse responder ao real do desejo materno como o objeto que falta à mãe. Eis o impasse de que se trata, para Lacan, na relação entre a demanda e a falta de objeto na dialética edipiana que envolve a criança, o falo e o desejo materno.

É nesse contexto que podemos situar uma leitura sobre a função do objeto forjado no sintoma da fobia de cavalos. Afinal, qual seria a função da fobia, do pavor de cavalos e todas as especificidades que vão aparecendo em relação a esse medo em seus detalhes e conotações? Dito de outro modo, o que é que provoca angústia na criança que tem medo de cavalos?

Essa é uma pergunta que, com Lacan, pode ser respondida a partir da noção de que não há *relação de objeto*. Nesse sentido, não há díade mãe-bebê, pois, “qualquer que seja a situação real, a criança nunca está sozinha com a mãe.” (Lacan, 1956-1967/1995, p. 247). Há, para Lacan, sempre um elemento terceiro, um elemento faltoso, que precisa ser calculado nessa relação, que faz dela sempre uma relação à três, no mínimo, pois o que falta à mãe precisa estar incluído na relação com a criança. A problemática para Hans se instaura na medida em que seu cálculo neurótico lhe mostra que ele está perto demais de ser esse objeto, prestes a ser anexado pelo desejo materno. E, ao supor o valor de “porcaria” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 315) daquilo que passa pela assunção de seu pênis real à uma dimensão simbólica, disso lhe advém a angústia. A saída neurótica encontrada por Hans passa pelo recurso à fobia.

A angústia do pequeno Hans: com ou sem objeto?

Neste ponto, podemos fazer um breve retorno à lógica assinalada por Lacan na lição de abertura do *Seminário 4*, na qual destaca uma outra função do objeto para a psicanálise, constituída, no caso da fobia dos cavalos, “para manter esse medo à distância” (1956-

1957/1995, p. 21). Para designar esta função, Lacan toma como apoio uma referência da antropologia e dos estudos etnográficos que comentam a forma como alguns povos originários construíam os espaços de suas tribos. No processo de construção e transição entre os espaços, Lacan destaca que há objetos que são colocados em pontos determinados desses espaços para demarcar seus limiares, para significar a passagem de um lugar simbólico a outro.

Esse é o modelo utilizado por Lacan para definir o objeto da fobia a propósito do caso Hans. É desse modo que Lacan lê, em Freud, a formação da fobia como o posicionamento de um objeto “à frente do ponto de angústia” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 253). O objeto, portanto, é uma imagem que guarda um certo limiar. Lacan assinala, a propósito da fobia, que “o objeto é, antes de mais nada, uma sentinela avançada contra um medo instituído.” (1956-1957/1995, p. 21), ou, ainda, que na fobia “o medo intervém como um elemento de sentinela avançada, e contra alguma coisa inteiramente diversa, que é por natureza, sem objeto, a saber, a angústia. Aí está o que a fobia nos permite articular” (1956-1957/1995, p. 253).

Neste ponto do *Seminário* de Lacan podemos acompanhar os primeiros delineamentos de uma teorização sobre a angústia que começa a tomar lugar em suas formulações. Seu texto nos mostra que Lacan ainda não está decidido sobre se a angústia é com ou sem objeto. O que é apresentado, em geral, é sua posição de que o objeto da fobia estabelece um limiar que protege o sujeito contra uma angústia *sem* objeto. Assim, nesse momento da teorização de Lacan, a fobia seria *com* objeto, ainda que um objeto em posição de significante – um objeto representacional, um objeto imaginário –, ao passo que a angústia seria *sem* objeto. Em seus comentários sobre o caso Hans, Lacan situa a fobia do cavalo como uma montagem, uma manobra de defesa do sujeito que busca estampar o cavalo na frente de um abismo, colocando-o como um objeto sobre um fundo de angústia, protegendo-o desse oco, dessa hiância real.

Uma coisa preta na boca do cavalo

Para conseguirmos avançar na leitura proposta por Lacan sobre a angústia e a função do objeto na fobia de Hans, é preciso localizar no texto de Freud a maneira como a função específica de uma mancha aparece no caso. Freud relata ter sido comunicado pelo pai de Hans sobre um incômodo da criança ligado à figura do cavalo. Em seguida relata que tomou conhecimento sobre “alguns detalhes de que soube então – que o incomodava especialmente aquilo que os cavalos têm diante dos olhos, e *a cor preta* na região da boca – certamente não eram explicados pelo que conhecíamos” (Freud, 1909/2015, p. 165).

Freud, em seguida, recebe Hans e seu pai em seu consultório. Neste encontro, o psicanalista tenta propor uma significação para essa cor preta como algo que seria semelhante aos óculos do pai, mas Hans responde que não se trata disso. Em seguida Freud propõe que a cor preta se referia ao bigode do pai e que ele o temia por amar tanto sua mãe (Freud, 1909/2015, p. 166). Essa era a hipótese de Freud sobre a fobia de Hans, a saber, que seu pavor estava ligado ao medo da ameaça de castração paterna, que seria temida por Hans de maneira inconsciente, e isso se ligava ao amor que sentia por sua mãe e a algumas descobertas feitas pela criança em relação à manipulação de seu órgão sexual.

Em seguida, provido da hipótese oferecida por Freud sobre a cor preta na região da boca do cavalo, Hans e seu pai tem o seguinte diálogo:

De quais cavalos você tem mais medo?
HANS: De todos.

EU: Isso não é verdade.
 HANS : Tenho mais medo dos cavalos que têm essa coisa na boca.
 EU: Como assim? O ferro que eles têm na boca?
 HANS: Não, eles têm uma coisa preta na boca (cobre a boca com a mão).
 EU: O quê, um bigode talvez?
 HANS (rindo): Não.
 EU: Todos têm isso?
 HANS: Não, só alguns.
 EU: O que é isso que eles têm na boca?
 HANS: Uma coisa preta (fig. 4 [7]). – (Creio que é, na realidade, a grossa correia que os cavalos de carga têm sobre o nariz). Também tenho muito medo de carruagens de mudança.
 EU: Por quê?
 HANS: Eu acho que os cavalos delas caem quando puxam uma carruagem pesada. (Freud, 1909/2015, p. 174)

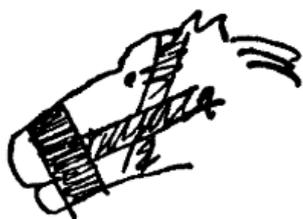


Fig. 4

Figura 2. A coisa preta na região da boca do cavalo (diálogo entre Hans e seu pai).

O que encontramos no texto de Freud, portanto, se refere às palavras do próprio Hans ao relatar a seu pai que sentia mais medo dos cavalos que tinham “essa coisa na boca”, e, em seguida, dos cavalos que tinham “uma coisa preta na boca”. Não obstante o encontro com “o professor” Freud e sua interpretação, que vinculava a coisa preta aos óculos e ao bigode do pai, um diálogo entre pai e filho deixa claro que não foi possível estabelecer o sentido dessa coisa. A coisa preta na região da boca do cavalo parece não responder às tentativas de sua interpretação. Se bem o notarmos, a coisa preta não aparece nem mesmo no desenho da figura que acompanha o texto da publicação do caso Hans. No relato de 6 de abril, feito pelo pai de Hans, podemos ler uma indicação que confirma essa leitura:

Dia 6 de abril. À tarde vou para a frente do prédio com Hans. Pergunto-lhe se vê o 'preto na boca' em todo cavalo que passa; ele o nega em todos eles. Pergunto-lhe como é realmente essa coisa preta; ele diz que é um ferro preto. Não se confirma então minha primeira hipótese, de que seriam as grossas tiras de couro dos arreios usados nos cavalos de carga. Pergunto se o 'preto' lembra um bigode; ele diz que somente pela cor. *Até agora não sei*, então, o que é realmente (Freud, 1909/2015, p. 178).

Esse é o lugar de *não saber* a que chegam as investigações de Freud e do pai de Hans sobre a coisa preta na boca do cavalo. Dessa forma, tanto o saber médico do *Professor* quanto o saber paterno não conseguem recobrir “essa coisa” que estanca o saber em sua possibilidade de lhe atribuir um sentido. Por fim, o que lemos é a resignação do pai à proposta inicial de Freud ao comentar: “suponho que realmente uma peça dos arreios – como a grossa correia em volta da boca – tenha lembrado um bigode, e que depois de minha alusão esse medo também desapareceu.” (Freud, 1909/2015, p. 178). Deste ponto em diante, a cor preta só volta a aparecer no texto do caso, em Freud, como associada a uma outra questão, não mais como “a coisa” nomeada por Hans. O que se pode ler em seguida são as reações de Hans diante da calça preta da mãe e de sua calcinha amarela, cuja visão o leva a cuspir por lhe lembrarem os excrementos e o lhe provocam nojo.

Dessa maneira, a própria diferenciação de sentidos para “a coisa preta”, no texto do caso Hans, ressalta a peculiaridade do que está em causa. O *preto*, quando está ligado à *coisa* na boca do cavalo, tem por efeito aumentar seu pavor, causar mais angústia; porém, quando o *preto* é destacado como *cor* da calça da mãe, faz referência ao cocô, para Hans e, portanto, encontra um S₂ para o sujeito. Por conseguinte, a cor preta, quando na região da boca do cavalo, não encontra jamais um outro significante ao qual possa ser associada; resta como uma peça solta da estrutura significante do caso.

A mancha não é uma deriva fálica

Sobre esse ponto enigmático, Lacan se põe na cena da fobia dos cavalos de Hans tal qual o detetive Dupin, para resolver o mistério da “coisa preta”, ou do “preto na boca”, esse ponto ilegível para o qual, desde Freud, não fora possível inferir seu sentido e sua função. Se pudermos recolher um sentido a partir das negativas de Hans a Freud, estas parecem indicar que *essa coisa preta* na boca do cavalo, do ponto de vista estrutural, não corresponde a nenhuma deriva fálica, como supunha Freud. Essa coisa, que se apresenta como menos que um objeto, se consideramos a consistência de um objeto imaginário como o cavalo, não faz correspondência com nenhum objeto fálico ou significante da constelação do mito familiar de Hans.

Esse é um ponto crucial, pois permite supor uma outra ordem de objetos cuja função não é tributária de qualquer vetorização fálica, não se empresta ao jogo do valor e do sentido. Isso significa dizer que a coisa preta na boca do cavalo não se apresenta em posição de significante, e tampouco como objeto imaginário, como o *cavalo*. Em meio a uma primeira teorização em seu ensino, que busca estabelecer as diferenças entre o medo e a angústia, Lacan resgata a função precisa de “uma mancha preta”, sobre a qual se apoia para estabelecer uma inferência muito particular:

Não sei se a fobia é tão representativa assim, pois é muito difícil saber de que a criança tem medo. O pequeno Hans articula isso de mil maneiras, mas permanece um resíduo absolutamente singular. Se leram a observação sabem que este cavalo, que é castanho, branco, preto, verde – essas cores não deixam de ter um certo interesse –, apresenta um enigma que fica sem resolução até o final do caso, e que é não-sei-que espécie de mancha preta que ele tem na frente, diante do focinho, que faz dele um animal dos tempos pré-históricos. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 251)

A partir desse comentário de Lacan adentramos no “enigma sem resolução”, ao qual se refere acerca da coisa preta na boca do cavalo, objeto da fobia do pequeno Hans. Podemos, a partir disso, sustentar nossa hipótese de leitura sobre a maneira como essa coisa preta na boca do cavalo exerce a função de objeto *a*, devidamente nomeado por Lacan como “resíduo absolutamente singular” e “mancha preta”, tal como pode ser lido na citação acima. Lacan assinala, de maneira muito precisa, que, apesar de todas as tentativas de nomeação por parte de Hans, um resíduo permanece e resta como indecifrável naquilo que provoca o medo infantil. Esse resíduo em posição de causa, Lacan o renomeia de “coisa preta” para “mancha preta”, identificando-o como um elemento clínico que fica “sem resolução” no texto de Freud. Ou, ainda, podemos acrescentar, o trabalho de Lacan consiste em dar um outro lugar e significação a isso que no texto de Freud permanece preso ao imaginário fálico que comanda a leitura do caso.

A mancha preta como dimensão real do objeto

Sobre a função dos cavalos na fobia, Lacan insiste em uma primeira distinção de que “os cavalos saem da angústia, mas o que eles portam é medo” (1956-1957/1995, p. 252). Vemos que a angústia, tal como está sendo elaborada por Lacan no *Seminário 4*, é definida em oposição ao medo, como aquilo que não tem objeto e, por isso, os cavalos não são considerados objeto causa da angústia. Lacan defende sua posição ressaltando que persistem ainda muitas funções imaginárias e significantes ligadas ao cavalo, o que o torna, imaginariamente, um objeto, e, por esse motivo, deve ser relacionado ao medo, não à angústia – *o cavalo cai, morde, trota, faz barulho com suas patas no chão* e, portanto, permanece atrelado à suas funções imaginárias. Lacan busca reservar à angústia um outro tipo de leitura, dissociando-a do imaginário do medo, por isso propõe situá-la, nesse momento, como um fenômeno “sem objeto”, ou, como veremos a seguir, relacionando-a à função de um resíduo: a mancha preta. Podemos acompanhar, nessa perspectiva, o modo como Lacan argumenta sua indicação ao assinalar que

Pode ser até mesmo que [os cavalos] conservem neles os vestígios da angústia. A imprecisão, a mancha preta, talvez não deixem de ter algo a ver com ela [a angústia], como se os cavalos recobrissem algo que aparece por baixo, e ilumina por detrás, a saber, este preto que começa a flutuar. Mas no vivenciado o que há no pequeno Hans é o medo. (Lacan, 1956-1957/1995, p. 252).

É neste ponto, com precisão, que Lacan designa a função da *mancha preta* como um elemento que, de modo contrário ao que havia proposto inicialmente, encontra-se ligado à angústia, e que, desse modo, retifica sua posição inicial de que a angústia seria um fenômeno clínico inteiramente sem objeto. Há uma mancha, um resíduo, uma imprecisão em posição de causa de angústia. Além disso, ainda do lado do objeto *a* como resto e causa, o “preto que começa a flutuar” na cena denota uma espécie de furo insondável no saber, algo “sem resolução”, furo na consistência imaginária do objeto que sustenta a construção sintomática da fobia; uma mancha que fura o próprio objeto-sentinela colocado à frente do ponto de angústia e que, nas palavras de Lacan, é “como se os cavalos recobrissem algo que aparece por baixo”, esse *algo* sendo a mancha preta, próxima à boca do cavalo, que começa a flutuar. Essa *imprecisão*, essa *mancha*, assinala Lacan, não deixa de ser um modo de apresentação da angústia sob a forma um *vestígio* [*trace*].

Ao longo das lições XIV a XVII de seu *Seminário 4*, Lacan parece avançar em sua proposição, e vincula a mancha ao real, o que corrobora com o que acabamos de apontar, ao afirmar que “este preto que está ali voando diante da boca do cavalo é a hiância real sempre oculta por trás do véu e do espelho, e que sempre ressalta do fundo como uma mancha.” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 303). Dessa forma, Lacan designa com todas as letras a localização de um elemento clínico que surge no caso como oculto “atrás do espelho”, ou seja, um objeto de fora do imaginário, uma “hiância real”, portanto, furo do real no simbólico e no imaginário.

Se privilegiarmos o recorte sobre a angústia no caso Hans, podemos acompanhar o modo como Lacan se detém sobre a produção de fantasias que o pequeno Hans sustenta no trabalho de interlocução com seu pai, e com “o professor”, Freud. Nesse processo, o encaminhamento das fantasias da criança culmina na cena da banheira. Trata-se de uma fantasia de angústia, uma cena de perfuração. Hans está em sua banheira, e um serralheiro aparece, desaparefusa a sua banheira e, em seguida, com uma broca, perfura a sua barriga. Lacan localiza na figura do serralheiro a entrada de um terceiro, que leva embora o suporte, o platô de Hans, sua “barraca”, sua “carroça”, desaparefuso a banheira (Lacan, 1956-1957/1995, p. 339).

Mas há também a dimensão do furo, que não passa despercebida à Lacan. Hans é atingido, o serralheiro desparafusa o mundo do pequeno Hans para, em seguida, furar sua barriga. O lugar do sujeito no mundo pode ser completamente desmontado... o barraco de Hans, como tantos outros barracos, sendo levado embora. Lacan demonstra, assim, que essas fantasias permitem acessar a Outra cena em questão na fobia de Hans. Não é *lá* na realidade dos cavalos, mas *aqui*, – com as fantasias da criança e o trabalho de decantação de seus elementos permeáveis à interpretação – que se apresentam o material clínico para o trabalho analítico. Nesse sentido, tomando as cenas das fantasias de Hans como construções significantes que situam o jogo de posições entre a criança e sua mãe, Lacan destaca:

O fato de que, por outro lado, o pequeno Hans esteja, em sua fantasia, no nível de seu ventre perfurado deve igualmente ser guardado. Podemos, com efeito, conceber que, no sistema de permutações, é ele quem afinal de contas assume pessoalmente o furo da mãe, a saber, o abismo, o ponto crucial, o ponto último que está em questão, a coisa não observável, aquela que flutua sob a forma do preto para sempre inapreensível diante da figura do cavalo, e precisamente no nível em que este morde, a coisa que não se devia olhar (Lacan, 1956-1957/1995, p. 340)

Atravessamos aqui os pontos cruciais do caso Hans, no que se refere à angústia e a função do objeto. Em seu comentário, Lacan enfoca a posição que a criança assume ao tomar para si o furo da mãe. Hans assume sua falta irreduzível, o buraco do Outro, o impossível de ser preenchido. No jogo de permutações de uma lógica de borracha, dá-se a revelação da cena: a fissura, o furo, a extração da “coisa não observável”, a coisa que flutua no preto, o “inapreensível” que se apresenta no cavalo, perto de sua boca, prestes a desferir sua mordida. De acordo com Lacan, esta é “o ponto último que está em questão no caso”. Sua leitura reserva um “ponto crucial” à função da mancha, a qual, defendemos, pode ser lida como um avatar do objeto pequeno *a* em sua função de resto inapreensível e causa de angústia.

Hans e os primeiros nomes do objeto *a* no ensino de Lacan

Vimos até aqui como Lacan estabelece uma (re)leitura do caso Hans a partir de uma crítica da noção de *relação de objeto*, introduzindo a função do significante, da falta de objeto e do falo como elementos primordiais que organizam as relações entre o desejo materno e a criança. Acompanhamos como Lacan segue esse fio até localizar um tipo singular de presença do objeto, menos consistente e mais perturbadora, na cor preta que começa a flutuar da boca do cavalo, uma mancha localizada como resíduo inapreensível, *a coisa não observável*.

Na releitura do caso Hans proposta por Lacan, a falta, o falo e a mancha guardam, cada qual, uma função e aplicação distintas. Acreditamos, a partir disso, que Lacan está distinguindo na “coisa preta” ligada à fobia de cavalos no caso Hans uma função objetual que não opera desde a posição de falta. Nem da posição de significante. Fora de um encadeamento simbólico, a mancha introduz uma dimensão do objeto que não se apresenta no nível do peixe que falta, ou do livro que falta em seu lugar, do seio como objeto real que falta ao bebê, ou ainda, dos avatares imaginários que se apresentam como substitutos do falo. *A Imprecisão, o resíduo e a mancha*, portanto, são os nomes do objeto pequeno *a* que despontam no texto de Lacan a propósito do caso Hans, como os nomes da função causa (de angústia), ou do ponto cego que o trabalho do significante não recobre, que as palavras não dão conta de nomear ou imaginarizar – Hans “cobre a boca com a mão”, como aparece relatado no texto de Freud (1909/2015, p. 174).

A partir disso, interrogamos se esta lógica do “resíduo absolutamente singular” encarnada pela mancha preta do cavalo de Hans não parece ser aplicada, tal e qual, de maneira homóloga, por Lacan, ao citar a função do vestígio de sangue nas mãos de Lady Macbeth, como irrupção em cena do objeto pequeno *a*, no *Seminário 10?* (Lacan, 1962-1963/2005, p. 152). Sua função e posição de “hiância real sempre oculta por trás do véu e do espelho” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 303), outrossim, não corresponderia exatamente ao que Lacan desenvolve com bastante precisão na lição V do *Seminário 10* a partir do esquema dos espelhos, ao localizar o objeto *a* como “esse resto, esse resíduo não imaginado do corpo, que, por um desvio que sabemos designar, vem manifestar-se no lugar previsto para a falta”? (1962-1963/2005, p. 71).

Estas são algumas indicações localizadas no texto de Lacan que parecem autorizar a hipótese de leitura que tentamos sustentar aqui. Desde o caso Hans, portanto, Lacan está às voltas, nomeadamente, com um tipo específico de presença e estatuto do objeto que, no dizer de Miller, “não apenas se distingue da estrutura do significante, mas se constrói de tal forma que é irreduzível a ela.” (2021, p. 58). Dito de outro modo, trata-se do objeto em sua dimensão de resto, algo que “cai da operação do discurso e fica à margem, de fora da cena, mas produz efeitos nela” (Victor & Bugarelli, 2022, p. 2), como testemunham os relatos de Hans a respeito da coisa preta que aparecem nesse lugar de flutuação da mancha na boca do cavalo.

Não há, ainda, nesse ponto do ensino de Lacan, uma teorização clínica da mancha ou um pensamento clínico que interroge as possibilidades de sua incorporação em um tratamento (Vieira, 2022, pp. 86). Por outro lado, há uma leitura conceitual do fenômeno da angústia, que abre caminhos para o estabelecimento de um trabalho clínico a partir da função do objeto pequeno *a*, vinculada ao seu axioma sobre a falta da falta do objeto, isto é, à noção basilar de que a angústia não é sem objeto, algo que será devidamente formulado em tempos posteriores de seu ensino.

Referências

- Freud, S. (2015). *Análise da fobia de um garoto de cinco anos*. In Freud, S. Obras Completas de Sigmund Freud (P.C. de Souza, trad., Vol. 8, pp. 123-284). São Paulo: Cia. das Letras.. (Trabalho original publicado em 1909)
- Fajnwaks, F. (2022). Contingência, restos e invenções. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 17(34), 73-81, 1809–709. Disponível em www.isepol.com/asephallus/pdf/4B%20-%20FABIAN%20FAJNWAKS%20PTBR.pdf
- Gutfreind, C. (2008). *As duas análises de uma fobia em um menino de cinco anos – o pequeno Hans: a psicanálise da criança ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lacan, J. (1987). *O seminário, livro 2: o Eu na teoria e na técnica da psicanálise*. (2a ed., M. C. Lasnik, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1954-1955, original publicado em 1978).
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (D. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1956-57, original publicado em 1994).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, Livro 10: A angústia* (V. Ribeiro trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Apresentação oral em 1962-1963, original publicado em 2004).

- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (2ª ed., M.D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Apresentação oral em 1964, original publicado em 1973).
- Miller, J.-A. (2021). *La angustia lacaniana*. Buenos Aires: Paidós.
- Victor, E. A. & Burgarelli, C. G. (2022). Sujeito e objeto na clínica psicanalítica: a função do resto. *Revista Subjetividades* [online], 22(1), 1-11, 2359-0769. doi: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i1.e12158>
- Vieira, M. A. (2022). *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Werneck, M. S. da S., & Jorge, M. A. C. (2022). O objeto em causa na teoria lacaniana da sublimação. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 25(4), 739–756. doi: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n4p739.12>

Revisão gramatical: Maria Fernanda Ribeiro Cunha
E-mail: fer_ribcunha@hotmail.com

Recebido em junho de 2022 – Aceito em julho de 2023.